

ECOLOGIA

JÉSSIKA SILVA DE OLIVEIRA

**ECOLOGIA E SOCIEDADE: UM ESTUDO
SOBRE A EXPERIÊNCIA DA UNILUZ**



Rio Claro
2011

Jéssika Silva de Oliveira

ECOLOGIA E SOCIEDADE:
UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DA UNILUZ

Orientador: ROMUALDO DIAS

:

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Ecólogo

Rio Claro
2011

372.357 Oliveira, Jéssika Silva de
O48e Ecologia e sociedade: um estudo sobre a experiência da
Uniluz / Jéssika Silva de Oliveira. - Rio Claro : [s.n.], 2011
35 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Ecologia) - Universidade
Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Romualdo Dias

1. Educação ambiental. 2. Ecologia profunda. 3. Educação.
4. Subjetividade. I. Título.

Agradecimentos

Puxa... não vale a pena escrever todos os nomes que eu gostaria de agradecer por estes anos em Rio Claro. Seriam muitos...

Mas agradeço a todos com quem caminhei ao longos destes 4 anos, ou que dei algum passo, ou que sequer saí do lugar...

Sou grata por ter tido o grande prazer de fazer parte da Família Ecologia, uma turma sem igual!

Grata, especialmente a turma de 2007, que se Ecologia é a família, 2007 são os irmãos. E, como poucos irão duvidar, uma turma mágica e linda... grata por me acolherem e compartilhar tantos momentos.

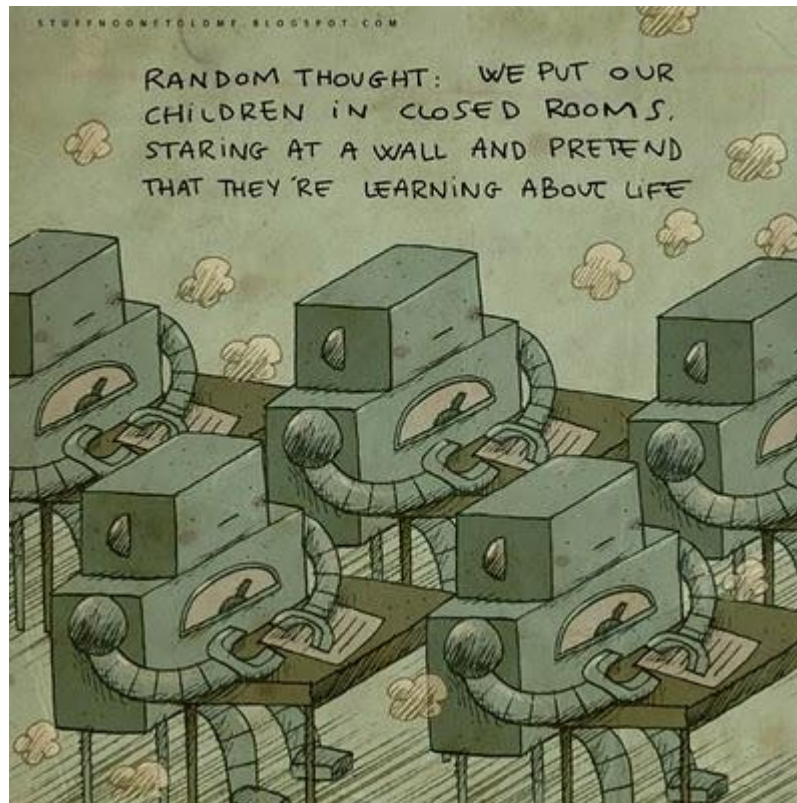
Agradeço de coração ainda, cada abraço recebido, cada dança dividida, cada palavra amiga, cada risada liberada, cada sorriso... toda ajuda, ouvidos, e claro, todas críticas e nervosismo, tudo!

Ao meu orientador. Aos amigos do curso e de fora dele, às pessoas que sempre estiveram presentes mesmo que não no papel de amigas, ao Semente Viva, que me encheu de luz, e à minha família (“de sangue”), que sentiu muito minha falta, mas que sempre esteve muito presente, carregada em meu coração.

E aos amigos próximos (cada um deve saber quem é), queria só dizer que vos amo.

Valeu Mãe Terra!!! Agora vou rumo a sair do papel!

[e ao Todo]



(“Pensamento aleatório: Nós colocamos nossas crianças em salas fechadas, olhando para uma parede e fingimos que elas estão aprendendo sobre a vida”)

Quadrinho extraído do site: <http://www.snotm.com/>

“Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco alguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Paulo Freire)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. METODOLOGIA	11
3. DE UMA METODOLOGIA PARA UMA ECOLOGIA	17
4. CAPÍTULO 1. NAZARÉ UNILUZ	20
5. CAPÍTULO 2. ECOLOGIA PROFUNDA	26
6. CAPÍTULO 3. CONCEPÇÃO DE ECOLOGIA NA UNILUZ	28
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

Resumo

Nesta pesquisa estudamos as relações entre ecologia e sociedade a partir da experiência realizada pela Organização Social Civil de Interesse Público – Nazaré UNILUZ, sediada em Nazaré Paulista, no Estado de São Paulo. Esta organização social implementa diversos programas de desenvolvimento sustentável e tem como eixo central a relação do sujeito com a natureza. Todos os projetos executados nesta instituição afirmam o compromisso com o desenvolvimento sustentável. Com o uso da metodologia da “cartografia” apresentamos as paisagens emergentes no trânsito por um território de fronteira constituído nas relações entre ecologia e sociedade. Assumimos como hipótese de investigação que os modos como os indivíduos se implicam em seus percursos pela natureza determinam a dinâmica dos vínculos com ela estabelecidos. Devido a esta hipótese faremos um rigoroso rastreamento das marcas das sensações e as possíveis vinculações com o movimento de re-significação dos modos do sujeito estar na vida. Portanto, a dimensão epistemológica será, em todo o estudo, considerada em suas articulações com a dimensão ontológica. Neste mapeamento de marcas e sentidos acrescentaremos uma atenção especial para com o papel da memória, seja no recurso de aproximação das marcas constitutivas no corpo dos sujeitos, seja na condição material de adentrar na linguagem e elaborar sentidos. Nosso estudo pretende, por meio da cartografia, avaliar os limites e as possibilidades dos programas de desenvolvimento sustentável, quando tais programas incluem os modos de implicação dos corpos na mudança de atitudes do sujeito em suas relações com o ambiente. As relações entre sociedade e ecologia são estudadas na análise dos programas de desenvolvimento sustentável em execução no âmbito da UNILUZ, em diálogo com as formulações teóricas advindas da chamada “ecologia profunda”.

1. INTRODUÇÃO

Frente a diversas problemáticas sócio-ambientais, uma das mais relevantes é a falta de reflexão e consciência acerca da ecologia, das ações humanas e interações com o ambiente, da interdependência dos seres e de seus desdobramentos nas formas de ação. No entanto, vê-se que isto não se dá apenas por falta de campanha, já que a temática “meio ambiente” encontra-se associada a diversos projetos, propagandas, produtos, marcas e outros tantos materiais divulgados em mídia. Mesmo assim percebemos dificuldades de adesão dos indivíduos em causas que demandam novas relações com a natureza. A elaboração das mensagens, bem como sua divulgação, explicitam concepções e metodologias que favorecem o aumento dos problemas identificados nas relações entre sociedade e ecologia, entre o modo de viver nas cidades e as relações dos indivíduos com a natureza.

Nossa pesquisa formula uma questão situada no território que se estabelece entre ecologia e sociedade, entre mundo e natureza. Nós nos preocupamos com as concepções de desenvolvimento sustentável em uso nos programas assentados nos vínculos entre a sociedade e a ecologia. Pretendemos conferir os sentidos atribuídos ao termo “desenvolvimento sustentável” ao mesmo em tempo que observaremos seus desdobramentos em modos de ação, isto é, em propostas de metodologias. Queremos observar o modo como os programas promovem mudanças que tocam efetivamente o real no cotidiano das pessoas. Observaremos se a prioridade consiste na sustentação da vida em suas múltiplas expressões e interconexões.

O ponto de partida para articular este estudo com o caso empírico foi a leitura do romance *Ismael*, de Daniel Quinn. Delimitamos como estudo de caso a experiência da UNILUZ, situada em Nazaré Paulista, Estado de São Paulo. Nós fizemos o nosso percurso pelo campo de concepção identificado como “ecologia profunda” em confronto com programas que afirmam o eixo-temático do desenvolvimento sustentável. A metodologia assentada na categoria processo articula os dispositivos de interpretação formulados por Gilles Deleuze sob a denominação de

“perceptos” e “afetos”. Fazemos esta escolha por identificarmos neste modo de operar o conceito um instigante confronto entre o plano epistemológico e o plano ontológico.

Neste projeto, pretendemos realizar uma discussão sobre as formas de como os indivíduos estabelecem suas relações com o ambiente ao seu redor. Isto significa explicitar visões de mundo e ideologias intrínsecas aos nossos modos de pensar e agir. De acordo com Capra (1997), “a Ecologia Profunda faz perguntas profundas a respeito dos próprios fundamentos da nossa visão de mundo e do nosso modo de vida modernos, científicos, industriais, orientados para o crescimento observando como todos eles são concebidos com valores materialistas. Ela questiona todo esse paradigma com base numa perspectiva ecológica: a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte” – apontando aí as contradições de nossas relações. Como as intenções de crescimento material e tecnológico se contrapõem à ecologia geral, ao estabelecimento da vida e o nosso compromisso com ela?

Através da análise dos documentos recolhidos na UNILUZ e de nossas leituras, queremos entender e discutir as relações entre ecologia e sociedade, de um modo que permita articular, no campo epistemológico a categoria da multidisciplinaridade, e no plano ontológico, a da responsabilidade, esta que se constitui como modo de intervenção do sujeito no mundo, considerando a biodiversidade.

Neste trabalho assumimos a perspectiva da Ecologia Profunda, com as idéias gerais obtidas e interpretadas do livro “Ismael – Um Romance da Condição Humana”, de Daniel Quinn. Recolhemos os dados sobre os projetos e trabalhos desenvolvidos pela Uniluz – Nazaré Universidade da Luz, uma universidade alternativa que tem como objetivo o “desenvolvimento integral do ser humano e de sua inter-relação com a Totalidade da Vida”, (isto é, trabalhar a questão da ecologia humana, da espiritualidade e estabelecimento humano na teia da vida). Portanto, discutimos o modo como a UNILUZ atua, ao mesmo tempo que sustentamos um confronto com os saberes por nós acumulados no percurso de nosso Curso de Ecologia, adquiridos dentro da Universidade. Para isto, nós coletamos alguns documentos e relatos sobre eventos e cursos realizados na Uniluz, bem como releitura do livro base e relatos de experiências próprias da graduanda acerca de participação em projetos nos quais as relações entre ecologia e sociedade se constituíram como eixo-temático de orientação de modos de intervenção no cotidiano.

Estamos preocupados em compreender as implicações dos processos de subjetivação sobre os modos dos indivíduos lidar com o mundo a partir das relações entre ecologia e sociedade. Iniciamos este nosso percurso nos perguntando: Como vivenciar a idéia de ecologia?

Observamos que os programas de ação, nos quais as relações entre ecologia e sociedade estão postas, eles se deixam capturar pelos modelos das campanhas e propagandas ambientalistas formuladas sob a lógica do consumismo. Neste confronto os programas de desenvolvimento sustentável estabelecem as suas diferenças no envolvimento com as informações, sendo que, no geral, as ambientalistas são mais desinteressantes, pois as pessoas não se sentem parte da informação (não enxergam relação direta com sua vida) e a linguagem é pouco atraente.

A idéia de ecologia (como forma de inter-relação entre os componentes do ambiente) provém então de uma visão crítica do mundo, onde as pessoas se sentem parte dele, como organismos, cidadãos e agentes. Para tal, levantamos a hipótese sobre a importância de entender os processos históricos vivenciados, as idéias compartilhadas coletivamente, imbuídas em nossa cultura, para, assim, promover discussões sobre visão de mundo e nossa atuação neste, bem como perceber a ligação entre os elementos da vida e nosso compromisso.

Visando questionar as abordagens apoiadas essencialmente na conscientização dos indivíduos, colocamos em discussão tanto o conteúdo quanto as metodologias em uso nos programas de desenvolvimento sustentável. As experiências da Uniluz nos oferecem exemplos de programas de ação em que se pretende abordar outras dimensões do ser com o objetivo de obter reais mudanças na concepção de mundo, e, conseqüentemente, nas práticas dos participantes.

Percebemos que a distância entre o público e o conhecimento que se deseja construir pode mudar conforme a abordagem adotada e a linguagem utilizada, o que nos permite afirmar que é possível aumentar o envolvimento, ou a compreensão, com a adoção de uma didática mais apropriada, que busque mais reflexões e críticas, para, assim, constituir modos de se comprometer efetivamente no estabelecimento de novas relações entre a ecologia e a sociedade.

Assim, é importante realizar discussões nesta esfera, para exaltar pensamentos e práticas que buscam mudanças mais profundas no comportamento humano, na sua relação com o ambiente, e logo, alcançar por meio de pensamentos críticos sobre ecologia e no sentir a ecologia, uma forma de se estabelecer no ambiente, uma maneira mais harmônica e menos contraditória de construir vínculos com o seu entorno.

O ponto de partida de nosso estudo é o romance de Daniel Quinn. Nesta leitura demarcamos aspectos constitutivos do que vem sendo denominado como “ecologia profunda”. Tendo esta demarcação estabelecida construímos o quadro filosófico por meio da crítica inaugurada por Friedrich Nietzsche, na obra “O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo”. Assim estabelecemos, como escolha nossa, que partimos do campo da arte, passamos pela Filosofia, e chegamos na ciência, sempre atentos com o eixo-temático formulado com a nossa questão sobre as relações entre ecologia e sociedade. Todas estas conexões se explicitam, para em seguida serem discutidas, tendo como base as nossas inquietações relativas as implicações entre um plano epistemológico e um plano ontológico. Compreendemos a epistemologia aqui como todo esforço de conhecimento e de interpretação. Entendemos a ontologia como uma teoria da ação do sujeito em suas relações com o mundo, e não como um discurso sobre a existência ou sobre a constituição do ser.

As nossas análises sobre as implicações dos processos de subjetivação sobre os processos de compreensão de mundo se apóiam nos estudos realizados por Gilles Deleuze, Felix Guattari, Suely Rolnik e Michel Foucault. Este quadro teórico nos ofereceu o apoio para o desenvolvimento de nossas reflexões as práticas selecionadas.

Assumimos como objetivo de nosso estudo analisar as relações entre ecologia e sociedade nos programas de desenvolvimento sustentável desenvolvidos pela UNILUZ. Como desdobramento deste objetivo mais amplo nós ficamos atentos aos aspectos ideológicos presentes em projetos de educação da referida instituição. Discutimos alguns pontos da Ecologia Profunda com base na leitura do livro Ismael – Um Romance da Condição Humana. Descrevemos e analisamos algumas práticas realizadas dentro da Uniluz que se apresentam como programas de desenvolvimento sustentável.

2. METODOLOGIA

Nossa pesquisa estuda as relações entre ecologia e sociedade a partir das implicações dos processos de subjetivação no campo de ação que os indivíduos estabelecem com o mundo. A metodologia por nós utilizada consiste no exercício da cartografia. Todos sabemos que o Curso de Ecologia não oferece em sua grade curricular uma disciplina que nos habilita para a realização da pesquisa, com a preocupação em favorecer o contato do aluno com concepções de ciências e métodos de produção de conceito. Mesmo assim, nós nos empenhamos, conscientes de toda a precariedade do empreendimento, na realização da pesquisa. Mas este fato não é suficientemente forte para nos impor o medo sobre a ousadia do exercício de nosso pensamento. Durante o nosso curso fizemos a leitura de muitas obras. Estas leituras incitaram o nosso pensamento. Em um trabalho como este aqui apresentado julgamos ser de suma importância explicitar o que conseguimos pensar a partir dos textos com os quais tivemos contatos, ou mesmo a partir dos diálogos estabelecidos com os docentes.

Em geral, nos outros cursos da Universidade, a disciplina que se ocupa da preparação do estudante para a realização da pesquisa, fica restrita na abordagem de procedimentos e no cumprimento de normas ou padrões supostamente definidos como modelos de rigor científico. Entendemos que procedimentos e manipulação de dados se constituem como uma dimensão apenas da metodologia. Toda metodologia explicita duas outras dimensões: a “Teoria do Objeto” e a “Teoria Geral do Conhecimento”. Observamos com pesar como muitos colegas nossos, outros estudante, citam metodologias apresentadas para eles como pacotes embaladas, sem colocarem em discussão as dimensões constitutivas de uma metodologia, tais como os procedimentos, a teoria do objeto e a teoria geral do conhecimento.

Em nosso caso, o nosso objeto se constitui em um “corpus” denominado como relações entre ecologia e sociedade. Pretendemos explicitar uma teoria destas relações. A “Teoria Geral do

Conhecimento”, por nós assumida se apóia na crítica estabelecida por Friedrich Nietzsche, quando provoca toda a cultura ocidental, a repensar as relações entre ciência e poder, sobretudo no âmbito daquilo que vem sendo chamado como “modernidade”. Tal crítica nos permite ensaiar outros modos de interpretar nossas relações com o mundo aproveitando as contribuições específicas da arte, da filosofia e da ciência. Em toda a filosofia elaborada por Nietzsche três campos se relacionam e cooperam na produção das implicações entre a epistemologia e a ontologia, quais sejam, o campo da arte, da ciência e da filosofia.

Uma síntese da especificidade de cada campo recolhemos no modo como Luiz Orlandi nos apresenta o pensamento de Deleuze, que foi um leitor do Nietzsche:

“Para Deleuze e Guattari, ao lado da arte e da ciência, o pensamento filosófico é uma das ‘três grandes formas’ ou ‘vias’ de pensar. Sem hierarquias, elas são basicamente definidas pela comum tarefa de ‘enfrentar o caos’. Mas cada uma erige seu próprio e distinto plano de exercício do seu modo de pensar. Enquanto a arte pensa ‘por sensações’, traçando um ‘plano de composição’, enquanto a ciência pensa ‘por unções’, traçando um ‘plano de coordenadas’, a filosofia, ao enfrentar a caótica dos encontros, traça um ‘plano de imanência’ que se erige à medida que ela ‘pensa por conceitos’. Portanto, o aprendizado filosófico da complexidade da experiência nos expõe a uma dupla impregnação: a da própria caótica dos encontros seja lá com o que for e a do vai-e-vem vertiginoso, ‘voltiginoso’, que os conceitos exibem nos variados encontros mútuos a que são levados por problemas a que têm de corresponder.” (ORLANDI, L. B.: 2009).

Em nossa escolha sobre a metodologia assumimos a cartografia a partir da síntese que ela nos oferece a respeito das três dimensões do método. Ela nos orienta no modo quanto ao manuseio dos dados, nos oferece uma “teoria do objeto” e nos propõe uma “teoria geral do conhecimento”.

A cartografia enquanto método de pesquisa “visa acompanhar um processo, e não representar um objeto”. (Kastrup, V.:). Cartografamos as paisagens emergentes neste território de fronteira situado na cultura, especificamente, nas relações estabelecidas entre mundo e natureza.

Adotamos alguns pressupostos para assumirmos esta posição de pesquisador cartógrafo. O primeiro pressuposto consiste no deslocamento do lugar da representação para o lugar da diferença. Nós nos esforçamos para abandonar o trabalho de construção de conceitos que aposta

na representação para investirmos na compreensão dos elementos que escapam às forças advindas de algum funcionamento de poder. Como já afirmamos acima, não queremos representar um objeto, e sim, acompanhar um processo de construção de significados em uma prática cultural. Deixamos de representar o mundo para alcançarmos formas de presença no mundo com tudo o que acarreta em termos de exercício da responsabilidade.

O segundo pressuposto consiste em situar o trabalho do desejo no campo da cultura. Compreendemos o desejo como “processo de produção de universos psicossociais. O próprio movimento de produção desses universos.” (ROLNIK: 2006.) A consideração da materialidade do desejo neste tipo de estudo nos obriga a observar como cada indivíduo roça a dimensão trágica da própria existência. Ao fazermos este esforço de pensamento nos sentimos envolvidos também no nosso próprio exercício. Isto é, nós mesmos exploramos uma sensibilidade presente nesta nossa relação com a finitude, com aquilo que expressa a condição precária da existência humana. É este modo de tratar a finitude que leva ao questionamento sobre o papel da conscientização nos programas pedagógicos preocupados com a mudança de atitude dos indivíduos em suas relações com a natureza.

Como afirma Virgínia Kastrup, o método cartográfico se constitui *ad hoc*. Mesmo assim o cartógrafo sai a campo com a posse de algumas pistas para a orientação de seu trabalho. O cartógrafo quer desenhar as paisagens emergentes a partir da ação do desejo na cultura sem perder a atenção no movimento que ocorre nas suas relações com o próprio desejo. Identificamos, de início, uma composição de duas linhas enquanto balizas para o pesquisador. Ele está atento à articulação entre seu trabalho específico no âmbito da epistemologia e aos efeitos que se configuram no âmbito da ontologia. O cartógrafo sabe que a produção do conceito desdobra em efeitos sobre as escolhas dos indivíduos quanto aos modos de estar na vida. Assim, fortalecemos em nós uma compreensão de que aquilo que pensamos está completamente envolvido com aquilo que fazemos. E, por outro lado, aquilo que fazemos também tem implicações sobre o que pensamos.

Em seu primeiro trabalho, este que se refere ao esforço investido na produção do conceito, o cartógrafo se associa a um conjunto de pensadores que já podem oferecer os recursos de estudos experimentados em outras épocas. A partir das leituras de Deleuze e Guattari, o cartógrafo desenvolve a “atenção à espreita” e a condição de diferenciar os dados que se referem à competência para escolher aqueles que indicam uma performance. De Husserl, compreende a

necessidade de operar a “suspensão do regime de intencionalidade”, como a condição para se deixar afetar pelos dados advindos do território por onde transita. Da leitura de Henri Bergson o cartógrafo aprendeu o uso do “reconhecimento atento”. Da leitura de Freud, ele se aplica à “atenção flutuante”. De Varela, o cartógrafo se lança na experiência da “aprendizagem por cultivo”, e de vez enquando, se permite algumas releituras do mestre Humberto Maturana, para rever o conceito de “autopoiesis”. Com Suely Rolnik, o cartógrafo aprende a ativar seu “corpo vibrátil” como condição para captar o movimento do desejo operando sobre um determinado território por intensidades. Com Virgínia Kastrup o cartógrafo descobre a necessidade de ativar uma “atenção à espreita” e sabe como manejar o “rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento”.

Em seu segundo trabalho, este que se refere ao campo das escolhas dos modos de estar na vida, o cartógrafo quer apresentar as paisagens que revelam uma ontologia. Mesmo que o desenho das paisagens esteja atento à fluidez das figuras há que mostrar a força do entrelaçamento entre o conceito e a ação. Pois a ação se deixa orientar por uma compreensão de mundo. Deste modo o cartógrafo até se confunde um pouco com a função de geógrafo, pois expõe alguns mapas na eficácia que eles operam para a orientação das escolhas dos indivíduos em seus modos de intervenção no mundo.

Neste seu segundo trabalho o cartógrafo encontrou um forte aliado em Michel Foucault e aproveita as suas orientações sobre os modos de reativação de um “éthos filosófico”. Aqui, trata-se de efetuar um trabalho de uma crítica constante sobre o nosso ser histórico, uma crítica do que dizemos, pensamos e fazemos através de uma ontologia histórica de nós mesmos.

De acordo com Foucault, “a crítica vai se exercer não mais na pesquisa das estruturas formais que têm valor universal, mas como pesquisa histórica através dos acontecimentos que nos levaram a nos constituir e a nos reconhecer como sujeitos do que fazemos, pensamos, dizemos. Nesse sentido, essa crítica não é transcendental e não tem por finalidade tornar possível uma metafísica: ela é genealógica em sua finalidade e arqueológica em seu método”. Foucault nos ajuda a entender como a genealogia e a arqueologia, no manejo que estes conceitos recebem ao transitar para a área das Ciências Humanas, contribuem para a consistência do exercício da cartografia. Entendemos com o filósofo que a genealogia nos mantém vinculados com uma linha de orientação durante todo o exercício de experimentação sobre novos modos de nos relacionarmos com a natureza. A cartografia nos auxiliar a contar com a materialidade daquilo

que nos constitui. Nunca começamos uma experiência a partir do zero. Sempre experimentamos a partir daquilo que já foi feito sobre nós, daquilo que definiu nossos modos de pensar, de sentir e de agir.

No esforço de realização da crítica sobre os limites do que nos constitui, o cartógrafo opera com a Arqueologia e com a Genealogia. Por meio da Arqueologia o cartógrafo “não procurará depreender as estruturas universais de qualquer conhecimento ou de qualquer ação moral possível; mas tratar tanto os discursos que articulam o que pensamos, dizemos e fazemos com os acontecimentos históricos”. E no uso da Genealogia, o cartógrafo “não deduzirá da forma do que somos o que para nós é impossível fazer ou conhecer; mas (...) deduzirá da contingência que nos fez ser o que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos.” (FOUCAULT: 2000). Se a genealogia nos lança para um horizonte de abertura na experimentação, a arqueologia nos enraíza em um chão.

Mas o cartógrafo expande o seu trabalho além da crítica daquilo que foi produzido como resultado dos processos de subjetivação em meio à cultura. Ele vai além da compreensão dos limites históricos colocados sobre cada sujeito para investigar as marcas daquilo que rompe com o estabelecido. Isto significa que o cartógrafo articula o trabalho da crítica sobre os limites históricos com uma atitude experimental, tudo isso a partir do apoio que obtém deste seu último aliado.

Assim nos orienta Foucault: “Quero dizer que esse trabalho realizado nos limites de nós mesmos deve, por um lado, abrir um domínio de pesquisas históricas e, por outro, colocar-se à prova da realidade e da atualidade, para simultaneamente apreender os pontos em que a mudança é possível e desejável e para determinar a forma precisa a dar a essa mudança. O que quer dizer que essa ontologia histórica de nós mesmo deve desviar-se de todos esses projetos que pretendem ser globais e radicais.” (FOUCAULT: 2000).

Neste exercício da cartografia, enquanto método de pesquisa, aprendemos com Foucault que “a experiência teórica e prática que fazemos de nossos limites e de sua ultrapassagem possível é sempre limitada, determinada e, portanto, a ser recomeçada.”

E aprendemos mais: “isso não quer dizer que qualquer trabalho só pode ser feito na desordem e na contingência. Esse trabalho tem sua generalidade, sua sistematização, sua homogeneidade e sua aposta.” Entendemos que estes quatro aspectos apontados por Foucault nos indicam a materialidade responsável pela produção de responsabilidade. Ou melhor, são aspectos

envolvidos em todos os esforços feitos pelo indivíduo ao responder aos desafios apresentados em seu modo de viver. Enfim, utilizamos a cartografia como método de pesquisa para compreendermos as implicações dos processos de subjetivação com as relações entre ecologia e sociedade.

Em coerência com a metodologia escolhida, articulamos ao trabalho da cartografia as categorias utilizadas pela Análise do Discurso. Deste modo, em nosso trabalho de cartógrafos estamos atentos ao funcionamento da ideologia e do inconsciente como constitutivos da materialidade da linguagem. Neste momento da análise nós recorremos aos estudos realizados por Michel Pêcheux, Dominique Maingueneau, Claudine Haroche e Eni Orlandi. Vale ressaltar que não atuamos aqui como especialistas em análise do discurso. O que merece destacar é o fato de estarmos atentos a um funcionamento de linguagem em qualquer esforço de produção de conceitos. Quando optamos pelos procedimentos utilizados pela análise do discurso deixamos de fazer a análise dos conteúdos. Isto é, não embarcamos na evidência do dizer. Em todo o nosso pronunciamento do mundo participa a ideologia e o inconsciente. Todos nós estamos envolvidos desta trama de poder tão específica que é própria do funcionamento da linguagem. Sabemos que não podemos fazer ciência sem linguagem, mas atentos a toda esta complexidade que a própria linguagem nos lança.

3. DE UMA METODOLOGIA PARA UMA ECOLOGIA

Vivemos atualmente um período de intensas transformações técnico-científicas, paralelamente a diversos fenômenos de desequilíbrios ecológicos que ameaçam a vida na superfície da Terra (GUATTARI, 1990). Desde a década de 60 pelo menos, a temática ambiental vem sendo amplamente discutida – com o lançamento do livro *Primavera Silenciosa* (de Rachel Carson), movimentos ambientalistas na Europa, o surgimento do Clube de Roma, etc (CAVALCANTE, 2007). A ecologia também vem sendo colocada em pauta em diversos círculos sociais, em diversos eventos, programas educacionais, campanhas, discursos, projetos e múltiplas formas de discussão e mídia presenciados diariamente por nós.

E, no entanto, apesar da temática “ecologia” estar presente em diversos veículos de informações, este quadro, de crise ambiental global, é alarmante e crescente, já que nosso sistema político-econômico (mundial) está baseado em práticas de exploração e consumo de recursos naturais, de forma a comprometer o equilíbrio de ecossistemas e alterar dinâmicas naturais.

Portanto, entender o que é Ecologia – “o estudo do ambiente natural, inclusive das relações dos organismos entre si e com os seus arredores” segundo Ernst Haeckel (ODUM & BARRET, 2008). Este conceito, estabelecido na esfera racional, não necessariamente implica em um entendimento real da ecologia humana – “interações entre homem e o meio ambiente” (MACHADO, 1984) – da ecologia geral e nossa responsabilidade frente à comunidade de vida.

Por isto, práticas educacionais que trabalham a concepção de ecologia, assumem papel fundamental para construção de novas percepções, pensamentos e valores, necessários para uma nova visão de mundo, que garantiria uma forma de estabelecimento humano mais coerente com o sistema de vida, e assim, a nossa sobrevivência e de demais formas de vida (CAPRA, 1997). A leitura de Nietzsche nos alertou sobre o problema dos valores. Se um modo de compreender o mundo está apoiado em valores, precisamos nos dar ao trabalho de revisão sobre os diversos aspectos que participam da composição dos nossos valores.

Porém, tais práticas educacionais, para alcançar uma real mudança em nossa percepção de mundo, necessitam atuar sobre uma “reforma de pensamento”, para que as pessoas reflitam sobre os problemas ambientais vivenciados atualmente, e possa ocorrer uma mudança de paradigmas necessária à condução adequada da vida em sociedade e estabelecimento de uma relação ética da sociedade com a natureza – para garantir o equilíbrio da biosfera (LUIZARI & CAVALARI, 2003). Aqui entendemos que a reforma de pensamento proposta por Edgar Morin se mostra limitada se ela não considerar a materialidade da composição dos valores. A busca do entendimento sobre a materialidade dos valores nos coloca em contato com a materialidade dos nossos desejos. Este é o lugar onde roçamos a dimensão trágica de nossa existência. Com isso, queremos reforçar a idéia, de que ninguém vai modificar o seu pensamento por força do discurso de um educador ou por influência da leitura de um livro. Um dos aspectos de nossa crítica aos programas educacionais voltados para o tema do meio ambiente se refere justamente ao deslize para o idealismo.

O que, no geral não se obtém a partir de práticas educacionais que trabalham apenas no âmbito do racional, com conceitos, programas e assuntos superficiais da ecologia (que se dedicam a somente visualizar o que é a ecologia e como adotarmos práticas mais “sustentáveis”). Trazemos para a nossa discussão aqueles elementos que agregam com práticas que trabalham a ecologia de maneira mais profunda, levando as pessoas a não apenas olhar para o que é ecologia, mas também sentir, tornando o aprendizado propriedade não só da mente, mas dos sentimentos e do corpo, elemento muito importante para a aprendizagem (MENDONÇA, 2007).

Desta maneira, tais práticas têm o compromisso de desconstruir dois grandes mitos modernos, que são o da conquista da natureza (como objeto) pelo homem (sujeito do universo) e a crença no crescimento industrial, tecnologia e ciência como desenvolvimento humano (MORIN, 1995). Atuando no nível da ecologia profunda, que é aquela que realiza perguntas mais complexas sobre o estabelecimento humano (NAESS, in: CAPRA, 1997), suscitando questões acerca da nossa ecologia; isto é, nossas relações com outras pessoas, outros organismos e com o ambiente, de forma a reconhecer a interdependência fundamental de todos os fenômenos, indivíduos, comunidades e processos naturais (CAPRA, 1997).

“Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto,

não só a relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo” (GUATTARI, 1990, pág. 09)

De maneira que, assumimos como necessário e com real compromisso com a vida, as práticas educacionais que atuam em outras esferas da natureza humana (contrapondo o sistema de ensino convencional baseado nesta valorização exagerada e restrita do campo das idéias ou de um suposto racionalismo). Queremos discutir sobre a importância de trazermos para o trabalho com a ecologia os aspectos que estão relacionados com o sentimento e com a dimensão espiritual da vida, com aquilo que nos faz roçar o campo do desconhecido. Este modo de abordar a ecologia concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida (CAPRA, 1997) – e não como determinador dela. Neste modo de compreender a sua participação da teia da vida não autoriza nenhum indivíduo a agir com arrogância e com a ganância destrutiva dos recursos naturais a qualquer preço e sem alguma medida.

Nós buscamos em nossas experiências as práticas que atuam em níveis que levam a reais mudanças de comportamento e visão de mundo. O modo como apreendemos o mundo pelo uso de nossa racionalidade tem os seus limites. Não abrimos mão da racionalidade, mas sabemos que a racionalidade não abarca todos os elementos que compõem a nossa existência. O modo de apreensão do mundo pelo racional é complementar ao modo de apreensão pelos afetos e perceptos (já que “não basta pensar para ser”), de modo que se faz urgente desfazer-se das referências técnico-científicas para, assim, forjar novos paradigmas. De acordo com Guattari, a organização de novas práticas micropolíticas e microsociais, juntamente com novas práticas estéticas e analíticas das formações de inconsciente, novas práticas sociais, de si na relação com o outro e com o estranho; participa produção de subjetividade – conhecimento, cultura, sensibilidade e sociabilidade. A invenção de novas práticas leva a novas concepções e formação de novos agentes ativos, sendo nesta articulação – da subjetividade, do reinventar – que estará a saída das crises maiores de nossa época (GUATTARI, 1990).

E é com base na crença da necessidade de práticas educacionais que atuem na questão da subjetividade, no trabalho de Daniel Quinn acerca da condição humana no livro ISMAEL, e no pensamento da Ecologia Profunda, que analisamos as práticas pedagógicas da instituição Nazaré UNILUZ – uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) que assume suas atividades no papel de uma escola que trabalha o ser humano de maneira integral, a partir de uma pedagogia baseada no vivenciar e na espiritualidade. Estudamos a experiência aqui escolhida para

observarmos qual é a concepção de ecologia presente nela, sustentando a hipótese de que tal concepção presente na prática educacional da UNILUZ se aproxima da Ecologia Profunda, realizando, assim, uma educação para “reforma de pensamento que conduzirá à compreensão integrada do contexto planetário” (MORIN, 1995), sem recorrer a práticas pedagógicas tradicionais.

4. NAZARÉ UNILUZ

Nazaré Uniluz foi criada em 1983 por um grupo que tinha por objetivo construir uma escola de meditação. Ela ficou conhecida a partir de 1992 como “Centro de Vivências Nazaré”, associação sem fins lucrativos cujo objetivo era o de oferecer oportunidades para o desenvolvimento de processos de auto-conhecimento e da consciência. Seu patrimônio foi constituído por doações e representa hoje aproximadamente 70.000 m² de área, incluindo 12 prédios com cerca de 2.500 m² de área construída. Localiza-se no Bairro do Moinho, zona rural do Município de Nazaré Paulista, SP, dentro da APA do Sistema Cantareira e Piracicaba Juquerí-Mirim.

Em 2005 foi qualificada como Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público). Neste espaço são propostas atividades que permitem o despertar da consciência de grupo, do trabalho voluntário e cooperativo e da responsabilidade e liderança compartilhada, ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade da introspecção meditativa e do auto-conhecimento.

Nazaré Uniluz tem hoje como principal objetivo promover o despertar da consciência do ser humano e seu equilíbrio físico e espiritual, estimulando o progresso do pensamento, da ciência, das artes, da saúde integral, da filosofia e da espiritualidade. Trabalhos que envolvam a promoção da ética, da paz, da cidadania e dos direitos humanos fazem também parte dos alicerces desta escola.

Procura ainda incentivar a defesa, preservação e conservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, estimular a extensão e o nível da pesquisa nos campos relacionados com seus objetivos, congregar cientistas, intelectuais, filósofos e artistas, assegurando-lhes, na medida de suas possibilidades, os meios materiais e as condições de independência para se dedicarem a suas atividades.

A metodologia de Nazaré Uniluz, em todas as suas áreas, é a experiência "Viver em Grupo", base para todas as atividades realizadas, que prepara o participante para compreender profundamente o sentido desta escola através de laboratórios de convívio grupal, trabalho cooperativo e responsabilidade compartilhada, onde facilita-se o aprendizado da percepção do momento presente, do serviço, da liderança grupal, da integração com a natureza e da comunicação sustentável. Entre seus campos de ensino-aprendizagem estão a nutrição, a horta orgânica e o jardim de ervas medicinais, os espaços residenciais e coletivos, a manutenção e marcenaria, a meditação, a tecelagem artesanal, os trabalhos com argila, teatro, dança e música, as técnicas de tai-chi, lian gong, massagem, reiki, acupuntura e yoga.

Encontra-se, no atual momento, numa fase de expansão e incentivo do serviço voluntário, com forte atração por trabalhos que promovam responsabilidade social, especialmente aqueles voltados para a população local do Bairro do Moinho." (texto-documento extraído dos arquivos da própria instituição)

São atividades que ocorrem no *campus*:

Viver em Grupo

Acontece durante o ano todo, em dois períodos: de sexta-feira a domingo e de segunda a sexta-feira. Trata-se de uma vivência baseada no exercício da plena atenção, do cuidado amoroso e do serviço altruísta. Esse programa é realizado com o apoio das atividades que ocorrem no cotidiano do campus (cozinha, padaria, horta, jardins, espaços residenciais e comunitários), enriquecido com práticas psico-corporais, atividades artísticas, de reflexões, partilhas e celebrações.

Retiro espiritual

Nazaré Uniluz oferece também momentos de retiro e quietude. Neste períodos, o participante se isenta parcial ou totalmente das atividades oferecidas pela escola, criando para si um tempo livre para refletir, silenciar, escrever. É pré-requisito ter tido uma experiência anterior no campus. As chegadas e saídas são possíveis em qualquer dia da semana.

Vivências com facilitadores convidados

Oferecemos uma variedade de vivências de curta duração, em diversas abordagens, nos campos da meditação (budista, zen-budista, hinduísta), massagem (ayurvédica, shiatsu, tradicional, tailandesa), yoga, atividades voltadas para crianças e idosos, tecelagem artesanal em suas variadas técnicas, arte terapia através de aquarela e argila, além de muitos outros. As vivências ocorrem dentro do ritmo e harmonia do campus.

Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*, especialização e Aperfeiçoamento

Com o objetivo de cumprir sua missão de desenvolvimento integral do ser humano, Nazaré Uniluz oferece cursos com maior carga horária, realizados em seu campus, proporcionando ao aprendiz o conhecimento técnico-científico, ao mesmo tempo em que facilita seu processo de aprendizagem e contato com a natureza.

Sendo que, além das atividades supra descritas, realiza também um projeto de cunho sócio-ambiental externo ao *campus*, que atua, junto a Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo na Microbacia de Nazaré Paulista, em um trabalho de reflorestamento de matas ciliares com espécies nativas em áreas mapeadas pela Secretaria, estendendo o trabalho a proprietários rurais que tenham interesse no projeto.

Em um lugar onde se pratica o silêncio para despertar a atenção plena nas atividades exercidas por cada indivíduo, a meditação ao menos três vezes ao dia, a cooperação na organização do espaço, o trabalho coletivo na execução de tarefas, a alimentação saudável, e outros princípios como respeito a outras formas de vida e pacificidade, Nazaré UNILUZ atua, então, em outras dimensões humanas, na questão da espiritualidade, na percepção do ambiente, seja nas questões físicas ou emocionais, trabalha na integração das pessoas com seu redor e atividades propondo, portanto, vivenciar um ambiente de grande beleza natural (com belos jardins, árvores, diversidade de plantas e animais) – e assim a sensibilização – e atividades propostas ao público, que possibilitam e estimulam reflexões acerca de si e suas relações, tanto com outras pessoas como com seu ambiente.

Em Nazaré UNILUZ o trabalho voltado para o interior humano é muito importante, e justamente por ser onde se originam as idéias e sentimentos que regem nossas ações, que possibilita trabalhar as bases de nossas relações com o mundo, a maneira como nos posicionamos nele, nossa postura, nossa ecologia profunda. E isto, porque em Nazaré UNILUZ são trabalhados

os valores. E são eles que nos fundamentam na maioria dos aspectos de nossas vidas, que determinam nossa cultura e nossas relações.

Com base nas experiências vivenciadas em Nazaré UNILUZ que foram obtidos os seguintes depoimentos, extraídos dos arquivos da instituição:

“Hora de partir. Troca de olhares, cumplicidade, corações apertados. Nas malas, coisas simples. A riqueza maior. Subimos mansozinhos em nossos cavalos e fazemos poeira na estrada. Além das porteiras, das montanhas, novos, belíssimos e desafiantes horizontes nos aguardam. Ousar sempre! Voar para os apelos do alto. A vida, meus amigos, descortina-se à nossa frente: pulsante, imensa, intensa! Em nossos caminhos, nossas buscas, conjuguemos o verbo maior: amar, amar, amar. Em todos os tempos, de todas as formas. E que assim sigamos e sejamos felizes em nossas trajetórias. Agora e por toda a eternidade.” (Silvio Ferreira, participante do Viver em Grupo Especial: seguindo seu Caminho Sagrado, janeiro de 2009)

“Eu amei cada minuto e cada segundo. Ri muito, dancei, cantei e também chorei de emoção. Estar aí foi como estar num pedacinho do céu. Quanta saudade! Quanta coisa aprendi nestes poucos dias. Voltei com um pedacinho de Nazaré dentro de mim. Ainda estou ruminando muito do aprendizado que aí começou e com certeza minha vida agora tem uma aura de mais beleza e cuidado amoroso em tudo que faço. Muito muito obrigada pelos dias de tanta paz e beleza. Espero em breve estar novamente vivendo Nazaré para novamente rir cantar dançar e poder aquietar meu coração e minha mente para encontrar o sagrado que está em cada um de nós. Que os anjos, arcanjos, querubins e serafins guardem esse solo sagrado” (Gini, participante do 4º Festival Uniluz da Primavera, setembro de 2008)

“Minha mente longamente adestrada ao lado racional, desconhecia o lado artístico e principalmente o seu poder curativo. Sempre me julguei sem aptidão artística. No festival tive a oportunidade rara de desfrutar intensamente de tudo... bambu, origami, aquarela, argila, música orgânica, horta, floresta, cantos, danças... pude através destas vivências encontrar caminhos e ferramentas valiosíssimas para resgatar atributos que estavam escassos e/ou abalados no meu viver, como o entusiasmo, vitalidade, alegria, paz, equilíbrio, enfim, o desejo de viver plenamente. Só tenho a agradecer de todo meu coração a todos da Uniluz e a todos os

participantes que viveram comigo esta experiência inexplicável, mágica e curativa que foi o 4º festival da primavera UNILUZ. Agradeço também o Universo por ter conspirado para me por no lugar certo, na hora certa e com pessoas certas...” (Gislaine)

“Muito lindo!!! A energia do Festival foi sustentada pela motivação de união, ecologia interna, cura, entrega... tudo que Nazaré Uniluz representa. Que o mérito do Festival Uniluz 2008 se propague para o bem de todos os seres. Com amor e consideração.” (Ângela Mattos)

Como podemos observar, os relatos estão carregados de sentimento de gratidão e renovação de espírito, juntamente com nova visão dos participantes sobre si mesmos e suas relações com o mundo. Demonstrando, assim, uma pré disposição a mudar suas atitudes em suas relações, com base no cuidado, na atenção e na responsabilidade. O que leva a mudanças de comportamento, buscando o zelo com o ambiente, com as pessoas, a vida simples. O que implica em transformações positivas na ecologia destas pessoas, que estão abertas a buscarem viver em harmonia com o meio, abertas a questionarem suas ações, e assim, implica em transformações na ecologia geral, já que uma vez estas pessoas questionando suas atitudes, poderão iniciar novo processo em suas vidas, onde tomam como base o amor e respeito à vida.

5. ECOLOGIA PROFUNDA

No livro *A Teia da Vida*, de Fritjof Capra (1997), no primeiro capítulo, o autor admite a necessidade de uma profunda mudança de percepção e de pensamento para garantir a nossa sobrevivência, uma mudança na visão de mundo, que se daria com as mudanças de paradigmas (que ele toma como base as afirmativas de Kuhn, que diz que elas ocorrem sob a forma de rupturas descontínuas e revolucionárias). Sendo que, o novo paradigma deve ser a visão ecológica, que trata de uma visão que concebe o mundo como um todo integrado.

Contraopondo a visão de ecologia rasa (onde parte de uma visão antropocêntrica), Capra define a ecologia profunda, como a visão que “reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos como um fio particular na teia da vida”, e ainda a toma como uma “percepção espiritual”, tratando a concepção de espírito humano como modo de consciência da conexão com um todo, com o cosmos.

Fechando o pensamento, com uma síntese do conceito de Ecologia Profunda, que é quem faz “perguntas profundas a respeito dos próprios fundamentos da nossa visão de mundo e do nosso modo de vida modernos, científicos, industriais, orientados para o crescimento e materialistas. Ela questiona todo esse paradigma com base numa perspectiva ecológica: a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte”.

E é com base nesta forma de visão, que está situado o trabalho de Daniel Quinn, discorrendo acerca de questões da ecologia profunda (questões mais profundas), que cria o personagem Ismael, um gorila que dentro de um romance, dialoga com seu aprendiz (um rapaz comum) sobre a condição humana, parte de seu processo histórico e nosso papel (sociedade atual) na teia da vida enquanto seres frutos de processo cultural e transformadores do ambiente.

Ele, aos poucos, destrincha vários pontos sobre os quais está baseada nossa cultura (uma cultura compartilhada pelos povos modernos de todo o mundo), e traz à luz, carregado de uma visão crítica, questões e situações comumente presenciadas e partilhadas de forma generalizada, porém, dando interpretações sobre as mensagens que nelas estão presentes.

Desta maneira, Ismael discorre a respeito de signos sempre presentes em nossas vidas mas nunca questionados, que, em conjunto, e ao longo da história, construiu em nós a visão de mundo antropocêntrica.

O livro consiste na apresentação de idéias e ideais contidos em nosso cotidiano, chegando a ser óbvio, porém raro e difícil de se perceber, já que são fundamentos culturais que nos estruturam, são verdades implícitas, que jamais ousamos questionar, por simplesmente aceitarmos fato, tal como aceitamos que o céu é azul. Ideais, estes, que ao longo da história, determinou a condição humana e seus objetivos mais inconscientes. Que todos em conjunto explicam (boa parte ao menos) nosso sentimento para com o mundo (e não nossos pensamentos) e a forma como nos projetamos nele.

Por isto, a obra de Daniel Quinn, tem seus fundamentos na Ecologia Profunda, porque trata não da situação ambiental atual, não das leis da ecologia, não dos impactos das ações humanas, mas sim das causas, do que está antes dessas contradições, que ele toma como efeito, e não causas da crise ambiental. Trata pois, de críticas sobre os ideais humanos, que nos põe em conflito com a comunidade da vida, desvendando (ou melhor, elucidando) nossa visão de vida comum e desejos intrínsecos que baseiam todas nossas criações. Elucida nossas crenças enquanto comunidade humana, crenças estas, determinantes de nossa condição humana – o que nos faz humanos, nossa postura no mundo – fruto de uma cultura construída em longo processo.

E se Ecologia Profunda implica em questionamentos profundos acerca dos fundamentos da nossa visão de mundo, Ismael assume tal papel com uma abordagem séria, com críticas “fortes” e ao mesmo tempo numa linguagem simples e de leitura prazerosa.

Fundamental é o papel do gorila, que ao se retirar da condição de humano, conta a história como quem enxerga o jogo de fora, trabalhando sobre críticas fruto de análise livre de processos culturais ou apegos humanos ou opiniões rasas sobre os temas.

Utilizando-se de metáforas, passa como idéia geral, a de que somos todos cativos de um sistema no qual acreditamos e colaboramos. Já que, descreve a cultura de um povo como a encenação de uma história, seríamos nós, atores deste sistema que nos cativou e onde as idéias

fundamentais são as de que nós somos os sujeitos do mundo, um fio destacado da teia da vida, de que o mundo fora feito para a humanidade e de que nos cabe o papel de dominadores da natureza, governadores do mundo. Ignorando, assim, nossa integração (e interdependência) na teia, onde todos são igualmente importantes.

Mas aponta tal condição não como idéias pensadas, raciocinadas, (pois, logicamente sabemos que estamos integrados ao mundo) mas como um sentimento profundo que nos dá base em nossas ações e desejos, e os desejos, base para manejar a vida de acordo com conveniências.

Evidencia, ainda, como estes sentimentos nos põe em posição de inimigos do mundo. Onde, nós *conquistamos* espaços, *exploramos* ambientes, *dominamos* tecnologias, *possuímos* terras, transformamos realidades, temos *nossos* animais, e onde objetivamos, como sentimento inerente à condição humana, sempre o crescimento (tanto em quantidade quanto de poder) e não o equilíbrio.

Mostra, pois, como a humanidade chegou a tal ponto, obtendo a falsa idéia de libertação das leis da vida (biológicas, que regem a vida) e como acreditamos essencialmente que possuímos o conhecimento do bem e do mal. Isto é, a de possuímos a capacidade de julgar o que serve ou não – sobre a visão utilitarista, de uma ecologia rasa – determinar e classificar o que “daninho”, “invasor”, “ameaça”, “progresso”, “eficiente”, etc., no nosso papel de semideuses.

Então, com base numa discussão entre os conhecimentos acumulados frutos de nossa cultura – que é o de produtividade e o que dá certo com coisas – e aqueles frutos de comunidades usualmente chamadas de primitivas – que é fruto de evolução, o que dá certo com pessoas – que indica esta última sendo verdadeiras sabedorias, que são formas de vida profundamente testadas desde o nascimento da vida (tal como acontece com as demais espécies) e que, em contradição com nossa visão de mundo, tem como premissa cultural a de que “o homem pertence ao mundo”, enquanto nós acreditamos sentindo que “o mundo pertence ao homem”. E o que isto implica vai muito além de idéias.

Estamos contidos, então, em um estado de espírito que nos condiciona a assumirmos o papel de inimigos do mundo. Um estado de cegueira que nos impede de enxergarmos o próximo, o outro. Seja ele humano ou não.

Conseqüentemente, por não vivenciarmos o ambiente, as relações humanas, a ecologia geral, que vivemos em discordância com o mundo. Não sendo difícil, portanto, entender porque da crise ambiental, de tantas contradições. Somos nós, enxergando a necessidade de um mundo

melhor e harmonioso, contra o sentimento de querer um mundo controlado e determinado por nossas mãos.

6. CONCEPÇÃO DE ECOLOGIA NA UNILUZ

Na UNILUZ, como dito anteriormente, são desenvolvidas diversas atividades baseadas no princípio do vivenciar.

Assim, notamos que suas práticas educacionais partem de uma pedagogia de inserção e de valorização dos sentimentos. Isto é, propõe aos participantes uma outra forma de aprendizado, aquela em que são os sentidos e os sentimentos que orientarão, atuando, assim, na esfera do sensível, e não do racional e lógico, o que convencionalmente vivenciamos como forma principal de aprendizado. Levando as pessoas em suas vivências, então, a inserção nas atividades, onde deixamos de ser espectadores e passamos a atores, o que quer dizer que toda prática realizada será fruto da construção coletiva onde todos são igualmente importantes pois todos inserem-se de forma ativa

Logo, os resultados da vivência em grupo são determinados pelo próprio grupo, o que tem relação direta com o trabalho sobre as questões de responsabilidade e cooperação. Pois o coletivo, tal qual a teia da vida, relaciona-se a partir da interdependência, o que exige respeito mútuo entre os participantes, acordos e atenção, sem privar da liberdade.

Para que as atividades aconteçam então, todos são inseridos em uma realidade de organização compartilhada, onde a questão da harmonia é ponto fundamental. E por isto, como parte da proposta da UNILUZ, são trabalhadas as práticas de atenção plena nas ações e cuidado amoroso com tudo e todos, buscando a dedicação daqueles que estão a participar.

E se vivências implicam em uma forma ativa de estar, além da valorização dos sentimentos daqueles presentes, juntamente com o trabalho baseado na cooperação, atenção, harmonia e amor, observamos aí uma outra forma de construção de subjetividade onde nossas

relações – nós como seres ativos no coletivo – serão ditados pela responsabilidade, do cuidado e do zelo.

Isto, portanto, é maneira de se trabalhar Ecologia Profunda, ao trabalhar nossos sentimentos frente nossas relações, a nossa postura e nossa visão dela dentro de um coletivo, como contribuimos nele, quais nossos objetivos, nossas verdades, princípios.

UNILUZ trabalha, portanto, em menor escala e de maneira muito prática o que Daniel Quinn questiona a partir de seu personagem Ismael, que é o nosso comportamento, ideais e atuação na comunidade da vida.

Se na UNILUZ, a proposta é de reinventar formas de relacionamento com o outro, tal como propõe Félix Guatarri, e esta proposta fundamenta-se no respeito; esta escola atua na temática “ecologia” como poucos lugares conseguem fazer, que é no vivenciar da ecologia, na percepção das relações. O que ocorre tanto no âmbito do social quanto ambiental, uma vez que no espaço se preza harmonia entre todos os seres e respeito à vida como um todo.

Um vivenciar onde o aprendizado se dá no mental, corporal e espiritual, ao tomar consciência das conseqüências de nossas ações e sentimentos. Consciência de outras formas de se estabelecer no mundo, que e com atenção e cuidado amoroso consigo e com outros. Experimentando, ainda, uma convivência pacífica com outras formas de vida existentes no *campus*.

A partir deste trabalho, nos conduz à percepção de nosso papel no ambiente e a importância de um bem-estar individual para proporcionar um estado harmonioso no coletivo (em qualquer escala), sendo este estado a nível do espiritual, com serenidade e pacificidade. Que será a forma, também, como estaremos abertos a compreender alternativas para contribuirmos na construção de um estilo de vida menos agressivo, mais simples e livre da idéia de que somos “senhores do mundo”.

E como forma de abrir este espaço, Nazaré UNILUZ traz ao seu *campus* várias atividades e convidados que partem justamente do ideal de harmonia com o ambiente e consigo, – como yoga, tradições orientais, permacultura, etc. – além de adotar (e servir de exemplo) práticas menos impactantes – como por exemplo, o uso de esponjas vegetais para lavar louças, uso de jornal para substituir sacolas plásticas em lixeiras, cultivo de parte de seus próprios alimentos – ainda, colocando em pauta, em conversas e debates, temas para desenvolvimento da consciência para sustentabilidade.

Tudo isto, estruturado sobre uma pedagogia que preza pela liberdade de expressão e partilha, valorizando sobretudo o diálogo, que é a troca de saberes, onde as partes são igualmente importante entre si.

O que, segundo Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (2005), é o caminho da emancipação humana, que para realizar mudanças nas suas vidas, necessita deixar o papel de “refém” do destino e passar a “escritor” dele, pessoas que visualizem suas próprias condições de maneira crítica, aptas a realizarem mudanças, já que enxergam o mundo (e as idéias) no qual estão inseridos.

Sendo que, para alcançar este estado, Paulo Freire defende uma prática pedagógica de liberdade e construção em conjunto. Isto é, sem aluno e professor, mas de “educador-educando” e “educando –educador”, onde o saber de um não é superior ao saber do outro, pois cada pessoa é fruto de uma história e vivências diferentes, apenas diferentes, e não melhores ou piores.

Seria, então, no coletivo em diálogo e não hierarquizado que se construiria saberes autênticos do grupo, aplicáveis à própria realidade e com conteúdo próximo de suas vidas. Ao contrário da educação convencional na qual passamos por longo de “educação bancária” (segundo Paulo Freire, 2005), aquela em que apenas são depositadas informações nos alunos, livre de críticas, criatividade, participação na construção, de forma que no geral, as memorizamos, mas não as formulamos ou vivenciamos, tornando-as distantes e com pouco sentido para a vida (os conflitos cotidianos, visão de mundo, relacionamentos e etc.).

Logo, ao se trabalhar outra maneira de educação, proposta na *Pedagogia do Oprimido*, trabalha-se, já que uma pedagogia crítica, o nosso papel de agentes ativos na vida, e em próxima instância, nosso papel no mundo: nós como determinadores do próprio destino.

Nesta obra, o autor desenvolve a Idea de que não existe mundo sem homens; pois sem nós, não terá quem o chamasse de mundo.

O que quer dizer, que produzimos o nosso mundo – parte-se aqui do princípio de que encenamos nossa história (como dito por Daniel Quinn) com base em ideologias, premissas – e sem esta consciência, nos vemos apenas imersos (e vítimas) das idéias que regem o sistema.

Portanto, ao propor uma mudança simples, mas revolucionárias na pedagogia, que é do diálogo, Paulo Freire propõe uma emersão da condição passiva que assumimos na vida, possibilitando tomar consciência de um mundo sujeito a nossa postura, da responsabilidade de nossas atitudes, de nossos desejos e ignorâncias, da nossa capacidade de trocas e construtividade,

mostrando, sobretudo, que ninguém se educa sozinho, assim como ninguém é educado fora de um contexto político, social e ambiental, mas que uma educação é fruto de um conjunto de fatores e estímulos (internos e externos), que se complementam e dialogam entre si, originando diferentes interpretações e estados de ser. Logo, a educação se dá mediatizada pelo mundo, o que inclui as relações humanas, as relações com outras vidas, a relação consigo mesmo, e por fim, se resume a vivenciar relações, o que entendemos por ecologia.

Podemos afirmar com isto, a estreita conexão entre Ecologia Profunda, pedagogia de diálogo e o trabalho realizado em Nazaré UNILUZ, ao notarmos que esta possui uma prática pedagógica muito próxima àquela proposta por Paulo Freire – com a valorização das trocas de saberes, da atenção e consciência nas ações, do senso crítico e de responsabilidade – e que, se partirmos do princípio que quanto mais distante estivermos do vivenciar as relações, a ecologia, menos críticos e conscientes estaremos do nosso papel no mundo, uma pedagogia de construção coletiva tal como sugere a Pedagogia do Oprimido e tal como adota Nazaré UNILUZ, instrumentaliza uma revolução na visão de mundo de quem dela compartilha, revolucionando, assim, nossas escolhas e atitudes, possibilitando reais mudanças em função da percepção da interação e interdependência das vidas, e mudanças por um estabelecimento humano que adote como princípios o respeito e cooperação em suas relações.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós nos encontramos atualmente em meio a uma crise ambiental generalizada (KRÜGER, 2011), e tal como disse Guattari (1990), “corremos o risco de não mais haver história humana se a humanidade não reassumir a si mesma radicalmente”, isto é, se a humanidade não reformular e reinventar seu modo de pensar e sentir sobre o mundo, seu modo de viver.

Pois de acordo com Daniel Quinn, em sua construção na obra ISMAEL acerca do condição humana, compartilhamos a posição de dominadores e controladores do mundo, o que justificaria a crise ambiental, já que, ao decidirmos como controlar o ambiente acabamos beneficiando certas espécies e danando outras de acordo com nossos desejos e conveniências, acabamos por comprometer todo o sistema de vida.

Logo, para haja continuação na história humana e para a maioria das espécies, precisamos mudar as bases de nosso sistema, as bases de nossa vida, nossas percepções e valores. E para isto, precisamos de uma prática educacional que seja a da mudança, movimento e transformações, contrária às convencionais (“bancárias”) que implicam em imobilidade (FREIRE, 2005), lembrando que o homem é um ser em constante processo de educação, “como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sedo, para melhor construir o futuro”. (FREIRE, 2005)

Desta maneira identificamos como revolucionárias as práticas educacionais desenvolvidas em Nazaré UNILUZ, que tem os esmos princípios da proposta de Paulo Freire: do movimento, construção do saber, diálogo, processos. Uma pedagogia construtiva (do vivenciar)

com a mescla de diversas atividades e culturas que permitem trabalhar e reconstruir formas de subjetividade, além das percepções e sentimentos, e ainda, a visão crítica sobre a vida.

“O ponto de partida deste movimento está nos homens mesmo.

Mas como não há homem sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo”. (FREIRE, 2005)

E com suas práticas sobre as relações “homem-mundo”, UNILUZ confirma a hipótese de conter nelas a concepção de ecologia, justamente por tratar das relações, do homem em sociedade e do homem em comunidade da vida. Práticas e fundamentos que envolvem mais do que raciocínio; os ensinamentos desta instituição trabalham em conjunto com o racional e dedução, o movimento do corpo, a reflexão, a experimentação, o emocional, as qualidades humanas, a concentração, a espiritualidade e outros aspectos que, em conjunto, tornam mais profundos os aprendizados, que são percebidos não apenas pela mente, mas pelo corpo e alma.

Nazaré UNILUZ trabalha, então, a questão da vida simples e respeito à vida como um todo, proporcionando sensações e reflexões acerca de alternativas a forma de estabelecimento humano, baseando-se em menos necessidades (logo, menos consumo/ consumo responsável), maior cuidado com o próximo (responsabilidade sobre as próprias ações), observação do meio, respeito a diversidade.

Abrindo, pois, espaço a transformação interior, que busca uma vida mais harmônica, e como dito antes, proporciona revoluções no mundo através do reajuste da teia, que está em constante movimento, e hoje, sofrendo diversos desequilíbrios em função de nossa visão de mundo e forma estabelecimento humano da sociedade de consumo.

Assim, o trabalho que é desenvolvido nesta instituição tem a função de buscar harmonizar (com seus limites, claro) as relações humanas e desta forma, a teia, com uma forma de educação que trabalha a ecologia profunda: trabalha o interior para que reflita, através de mudanças de atitudes e sentimentos, no exterior, nas nossas práticas e escolhas, nos nossos desejos e construção de nosso mundo.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BARBIERI, J. C. **Desenvolvimento e meio ambiente. As estratégias de mudanças da Agenda 21**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997
- CAVALCANTE, M. B. **Psicologia Ambiental e sua Conexão com a Educação Ambiental**. Psicopedagogia on-line: Educação & Saúde, 2007
- CORNELL, J. **Vivências com a natureza**. São Paulo: Aquariana, 2008.
- CORNELL, J. **Brincar e Aprender com a Natureza: um guia sobre a natureza para pais e professores**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34: 1992.
- DEPRAZ, N., VARELA, F. e VERMERSCH, P. (2003) **On becoming aware. a pragmatic of experiencing**. Philadelphia-Amsterdam: Benjamin Publishing.
- FOUCAULT, M. “O que são as luzes”. In: FOUCAULT, M. **Arqueologia da Ciência e História dos Sistemas de Pensamento**. Págs.: 335 – 351. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 2005
- FREUD, S. (1930 [1929]) O Mal-Estar na Civilização. In: **Obras Completas**. V. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- KASTRUP, V. **A aprendizagem da atenção na cognição inventiva**. *Psicologia & Sociedade*, v.16, n.3, pp.7-16, 2004.
- KASTRUP, V. **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre**. *Educação e Sociedade* v. 26, n. 93, set./dez, pp.1273-1288, 2005.
- KASTRUP, V. **Cartografias liberarias**. In: KASTRUP, V., TEDESCO, S., PASSOS, E. **Políticas de cognição**. Porto Alegre: Sulina, p. 267-295, 2008.

- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição.** Campinas: Papyrus, 1999.
- KRISTEVA, J. **As novas doenças da alma.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LUIZARI, R. A.; CAVALARI, R. M. **A Contribuição do Pensamento de Edgar Morin para a Educação Ambiental.** EDUCAÇÃO: Teoria e Prática – vol. 11, nº 20, jan-jun 2003 e nº 21, jul-dez 2003, p.7-13
- MERLEAU-PONTY, M. (1999). **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes.
- MOSCOVICI, S. **Natureza: para pensar a ecologia.** Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Gaia, 2007.
- NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ORLANDI, L. B. “Deleuze” In PECORARO, Rossano (Org). **Os filósofos clássicos da filosofia.** Vol III de Ortega Y Gasset a Vattimo. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ORLANDI, E. P. (Org.). **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso.** Campinas, Editora Pontes, 1996.
- PELBART, P. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea.** São Paulo: Iluminuras, 2000.
- QUINN, D. **Ismael: Um Romance da Condição Humana.** São Paulo: Peirópolis, 1998
- ROLNIK, S. “Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico.” In Cadernos de Subjetividade. S. Paulo. V. 1 n. 2, set./fev.1993. Págs.: 241 – 251.
- ROLNIK, S. “À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia”. In MAGALHÃES, M. C. R. (Org.). **Na sombra da cidade.**São Paulo: Editora Escuta, 1995.
- STONE, M. K. & BARLOW, Z. (ORG). **Alfabetização ecológica.** A educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, C. L. da e MENDES, J. T. G. (Orgs). **Reflexões sobre o desenvolvimento sustentável.** Agentes e interações sob a ótica multidisciplinar. Petrópolis : Vozes, 2005.
- VATTIMO, G. **Diálogo com Nietzsche.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

